

REPRESENTAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL EM EU, EMPRESA (2021)

REPRESENTATIONS OF NEOLIBERAL SUBJECTIVITY IN EU, EMPRESA (2021)

Helena Lukianski ¹[0000-0001-9085-5552]

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
helenalukians@gmail.com

Resumo. Propomos fazer uma análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2009) do longa-metragem *Eu, empresa* (diretores: Leon Sampaio, Marcus Curvelo, 2021) com o objetivo de compreender as novas subjetividades que são consequência da ascensão do neoliberalismo (DARDOT; LAVAL; 2016). Observamos que a individualização e o desamparo, marcas das subjetividades contemporâneas (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017), estão presentes no filme, associadas às atuais formas precarizadas de trabalho.

Palavras-chave: subjetividade neoliberal; cinema brasileiro; YouTube.

Abstract. This paper consists of a film analysis (AUMONT; MARIE, 2009) of the feature film *Eu, Empresa* (directors Leon Sampaio and Marcus Curvelo, 2021) in order to understand the new subjectivities that come as a consequence from the rise of neoliberalism (DARDOT; LAVAL, 2016). We observe that individualization and helplessness, marks of contemporary subjectivities (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017) are part of the film, associated with the current precarious forms of work.

Keywords: neoliberal subjectivity; Brazilian cinema; YouTube.

O trabalho, uma das atividades mais importantes na vida dos sujeitos, não poderia deixar de ser uma temática recorrente no cinema. Ao longo da história, alguns filmes se tornaram clássicos retratando a exploração laboral, como o longa-metragem *Tempos modernos* (dir. Charlie Chaplin, 1936). Os “tempos contemporâneos” exigem novas problematizações, pois o capitalismo flexível (SENNETT, 2006) trouxe à tona outras discussões na medida em que surgiu um tipo de trabalhador que não se enxerga como precarizado (CASTRO, 2013). Tendo em vista a ascensão das políticas neoliberais, propomos como problema de pesquisa a questão: como o filme *Eu, empresa* representa a subjetivação neoliberal (DARDOT; LAVAL; 2016)?

Em *Eu, Empresa* (dir. Leon Sampaio e Marcus Curvelo, 2021), o protagonista Joder é um jovem desempregado que deseja construir uma carreira como Youtuber. YouTube é uma empresa com sede na Califórnia que se relaciona diretamente com as novas formas de trabalho do mundo neoliberal, uma vez que a pessoa pode gerar monetização para uma plataforma de “patrões invisíveis”. Lançado em 2005, o site que possibilita o upload de vídeos passou a ser “palco” para novas celebridades produtoras de conteúdo audiovisual, os youtubers. O próprio título do filme aponta para a tendência contemporânea que vem substituindo as antigas formas de trabalho, o autoempreendedorismo: “há uma exigência de que o trabalhador faça uma autogestão do tipo empresarial, responsabilizando-se por sua própria produtividade, ganhos e perdas, e

empregabilidade, de forma cada vez mais individualizada” (CONCOLATTO; RODRIGUES; OLTRAMARI, 2017, p.35).

Enquanto não alcança sucesso como Youtuber, o personagem Joder tenta trabalhar como freelancer. Nas modalidades de trabalho atuais, o indivíduo precisa utilizar recursos próprios para realizar os jobs (jargão para trabalhos esporádicos). Para um dos jobs (no trecho de minutagem 27min55secs), um vídeo de operários em uma construção, o “patrão” pede para Joder fazer imagens com um drone, equipamento caro que ele não tem condições de comprar. Em seguida, no trecho 36min42secs, Joder descobre que o seu carro estragou, o que se torna um problema grande pois é o meio que ele utiliza para se deslocar e gravar conteúdo para o seu canal do YouTube.

Por meio da análise filmica (AUMONT; MARIE, 2009) observamos que há mais de uma situação de precariedade tensionada no filme. Joder filma operários (classe sub-remunerada) e também entregadores por aplicativos (apps), uma das mais novas formas de exploração laboral. Um dos trabalhadores de apps afirma “se a gente tivesse a oportunidade de tá empregado, carteira assinada, tudo certinho, cê acha que a gente tava rodando?” – tal expectativa (trabalhar com carteira assinada) não está no horizonte de Joder, que “abraça” o discurso do empreendedor de si mesmo. Ao gravar um vídeo para o seu canal no YouTube, ele discursa: “Então pessoal, eu queria falar um pouco hoje sobre a experiência que tive de trabalho, né. Eu tive um chefe, meu último chefe, ele me falou uma coisa muito importante que me impactou muito, disse que eu não tinha espírito empreendedor (...), mas eu acho que com o pensamento positivo, com estratégia, com um novo mindset a gente consegue mudar essas coisas”.

Com o crescimento da informalidade e a difusão do empreendedorismo como oportunidade, perde-se o mecanismo que garante proteção ao trabalhador: “a carteira assinada, por meio do contrato formal, é o principal garantidor de benefícios de bem-estar social e direitos trabalhistas” (VACLAVIK; OLTRAMARI; OLIVEIRA, 2022, p. 250). Na tentativa de ganhar algum dinheiro, Joder trabalha esporadicamente para uma empresa estadunidense chamada Eagle Corp, que decide desligá-lo depois que ele não realiza o job de forma satisfatória. A fictícia Eagle Corp se insere no mercado laboral digital: “nesses mercados, grandes empresas multinacionais passam a mediar relações laborais por meio de plataformas on-line, utilizando o trabalho informal” (VACLAVIK; OLTRAMARI; OLIVEIRA, 2022, p. 249). Quando Joder tenta entrar em contato com os donos da empresa, não consegue acessar nada além de mensagens gravadas. Ele revela então que trabalhou para a empresa durante dois anos, e pede “sensibilidade com a sua condição”. Nessa cena, vemos Joder falando no celular com uma “imagem de fundo” da cidade de Nova York, com seus prédios enormes e seus outdoors publicitários. Dessa forma, visualizamos a questão do trabalho remoto na era digital, ao mesmo tempo um facilitador e um mecanismo que torna mais difícil que o trabalhador exija seus direitos. A falta de vínculos (como mostra o desligamento súbito) dessas empresas gera grande apreensão nos trabalhadores: “o avanço tecnológico e as novas organizações do trabalho não trouxeram o fim do trabalho penoso; ao contrário (...) trouxeram formas de sofrimento qualitativamente mais complexas e sutis, sobretudo do ponto de vista psíquico” (LANCMAN, 2004, p. 33).

Insistindo na carreira de criador de conteúdo, Joder participa de uma espécie de palestra sobre ser youtuber. Um dos palestrantes diz: “Eu me pergunto, o que você vende? Hoje em dia tá se consumindo de tudo...”. Esse fenômeno atual, que abrange novas reestruturações produtivas, é explicado pela pesquisadora Isleide Fontenelle em seu artigo *Prosumption*: as novas articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital: é a promessa de enriquecimento, a partir de exemplos desses bem-sucedidos

empreendedores de si mesmos, que acaba colocando na rede uma multidão de trabalhadores culturais que, na esperança de serem “descobertos”, usam a mesma retórica do desprendimento, da vocação pela arte, da procura por formas alternativas de vida e trabalho, enquanto alimentam cocriativamente grandes corporações (FONTENELLE, 2015, p. 89).

Após alguns fracassos em jobs, Joder consegue finalmente sucesso como youtuber de uma forma bastante inusitada. Ele grava um vídeo elogiando a famosa youtuber Mariana Rios, que agradece Joder em seu canal. A partir disso, o número de visualizações no canal de Joder dispara rapidamente. Ele comemora o aumento do número de seguidores (pessoas que se inscreveram no seu canal de YouTube) em diferentes cenas: numa está correndo na rua e agradecendo os mil novos seguidores, em seguida ele está na praia onde escreveu na areia Somos 3K1. Na cena seguinte, Joder aparece numa piscina abrindo um espumante e comemorando os 10K. Essa progressão é interrompida pela cena final do filme em que Joder está sentado no chão com as pernas cruzadas. Depois de respirar fundo, com o semblante entre o sério e o sereno, Joder pede desculpas aos seus seguidores, numa simulação do que se tornou habitual no mundo das celebridades da internet. Nada é esclarecido a respeito do suposto erro de Joder, mas a mensagem final se refere aos mecanismos escusos de inclusão e exclusão do trabalho no mundo contemporâneo.

A partir dos anos 2000 foram lançados diversos filmes nacionais que problematizam as relações de classe no Brasil, como *Um lugar ao sol* (Gabriel Mascaro, 2009) *Trabalhar cansa* (Juliana 1 3K equivale a 3 mil.

Rojas e Marco Dutra, 2011), *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012), *Casa grande* (Fellipe Barbosa, 2015) e *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015). Entre esses filmes citados, podemos apontar algumas semelhanças como as relações tensionadas entre patrões e empregadas domésticas, por exemplo. No caso de *Eu, empresa*, há a novidade da precarização do trabalho no meio digital, problema que resulta em impactos na saúde mental dos indivíduos e que exige cada vez mais análises de pesquisadores por vieses multidisciplinares.

REFERÊNCIAS

1. AUMONT, J.; MARIE, M. A análise do filme. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.
2. CASTRO, C. A. Crítica à razão empreendedora: a função ideológica do empreendedorismo no capitalismo contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense, 2013.
3. CONCOLATTO, C. P.; RODRIGUES, T. G.; OLTRAMARI, A. P. Mudanças nas relações de trabalho e o papel simbólico do trabalho na atualidade. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 4, n. 9, p. 340-389, 24 ago. 2017. Disponível em: < <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/3254>> Acesso em: 19 mai. 23 DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo - ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
4. FONTENELLE, I. A. Prosomption: as novas articulações entre trabalho e consumo na reorganização do capital. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 51, n. 1, 18 maio 2015. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.1.09> Acesso em: 27 abr.

5. LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: DEJOURS, C. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2004
6. SENNETT, R. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.
6. VACLAVIK, M. C.; OLTRAMARI, A. P.; OLIVEIRA, S. R. de. Empresariando a informalidade: um debate teórico à luz da gig economy. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, RJ, v. 20, n. 2, p. 247- 258, 2022. DOI: 10.1590/1679-395120210065. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85536>. Acesso em: 29 mar. 2023.